Já pensou porque parece que conteúdo em vídeo faz muito mais sucesso do que conteúdo em texto? Parece até que existe muito mais coisas sendo produzidas em vídeo do que em texto.

É porque ler dá trabalho. O leitor precisa movimentar os olhos, identificar as letras, agrupá-las primeiro em sílabas e depois em palavras, agrupar as palavras em frases, encontrar o significado das palavras contextualizando tudo dentro dos períodos e dentro do texto. Isso dá trabalho e, nossos cérebros cada vez mais tendenciosos à preguiça vão ficando cada vez mais preguiçosos nessa tarefa árdua que é a leitura.

Vídeos são diferentes, é só assistir e pronto. Muito mais fluído, muito mais dinâmico, muito mais divertido. É como se fosse uma conversa, só que nós só ouvimos.

Da mesma forma, falar é muito mais fácil do que escrever. Repare na distância que o impulso nervoso percorre para que escrevamos algo: do cérebro até a mão são quase um metro de neurônios sendo percorridos para que a ideia saia da cabeça e chegue ao papel. Isso dá tempo para refletirmos sobre o que estamos escrevendo. Um tempo onde nos damos conta de que o que vamos escrever talvez não seja o que queríamos dizer; um tempo para percebermos que o que queremos escrever está errado.

Mas para falar basta, falar. O cérebro pensa e a boca fala. Não é à toa que nos arrependemos de ter falado algo logo após falar, afinal, falar é tão rápido que a reflexão fica para depois. Com a escrita é diferente: dificilmente nos arrependemos do que escrevemos, justamente porque escrever força a refletir, diferente do falar.

É por isso que vídeos fazem bastante sucesso: são rápidos para fazer e mais rápidos ainda para consumir. Se você estiver mesmo com pressa, pode acelerar a exibição para uma vez e meia ou até o dobro da velocidade. Isso é um hábito tão grande que tem conteúdo com a exibição “normal” mais lenta que o normal justamente porque a audiência vai, provavelmente, acelerá-lo. Mas o leitor não consegue duplicar a velocidade de leitura (eu sei, tem a leitura dinâmica, mas não vou discorrer sobre ela porque não faz parte do “leitor médio”).